

**“La main qui me fait jouir de tout cela”:  
o lugar de Deus na botânica de Rousseau.**

**Victor Alexandre Garcia**

Doutorando em Filosofia na PUC-Rio

<http://lattes.cnpq.br/9486166296441039>

victorgarciapsi@gmail.com

121

A botânica de Rousseau, tal como a de Lineu, perfaz o caminho que leva do estudo das plantas à existência de Deus. Como esperado, a pressuposição da divindade não é desprovida de consequências importantes para a construção de uma filosofia moral. É bem sabido que Rousseau não via compatibilidade entre materialismo e moral. Seu coração jamais o deixou crer que os justos não serão felizes um dia, recompensados pelos sofrimentos da vida terrena. Assim, o estudo dos vegetais permitia que Rousseau contemplasse a existência de uma ordem física admirável na natureza e pressupusesse a existência de uma ordem moral correspondente. Por este motivo, em suas *Confissões*, o autor criticava o olhar do ignorante em botânica, a admiração “estúpida e monótona” (Rousseau, 1959, p. 641) daqueles que olham as plantas sem possuir a menor ideia do que estão vendo. Certamente seria possível observar as plantas sem qualquer conhecimento prévio e encantar-se com suas formas elegantes e variadas, mas sem conhecer as semelhanças e as diferenças entre os vegetais não se é transportado até “a mão que [nos] faz gozar de tudo isso” (Rousseau, 1959, p. 1069). O olhar do ignorante perde a apreciação da natureza como ordem, pois esta só pode ser apreendida do conhecimento da cadeia de relações e de combinações que estruturam o vegetal. A ordem é a harmonia e o acordo que reina no todo, na natureza tomada como unidade, em que cada parte concorre de um lugar determinado, assinalado pela natureza de modo inconfundível na imperturbável divisão das espécies. Segundo Rousseau, quando o ignorante deixa escapar a apreciação dessa ordem perfeita que anuncia a presença de uma inteligência suprema, ele perde a oportunidade de render à divindade o mais digno tipo de homenagem: a contemplação muda de suas obras. Sabe-se da importância da religião na vida pessoal de Rousseau; resta saber até que ponto sua botânica pode ser laicizada sem grandes perdas. Tanto Pierre Hadot quanto Michel Foucault, ao abordarem o tema da filosofia como modo

de vida, mostraram que a espiritualidade não possui um vínculo necessário com a religião. Após delimitarmos o lugar de Deus na botânica e no pensamento de Rousseau, nos apoiaremos nesses autores para pensar até que ponto os elementos dessa botânica se sustentam sem a pressuposição de uma divindade.

**Palavras-chave:** Rousseau. Botânica. Filosofia Moderna. História Natural.

### **Bibliografia**

ROUSSEAU, J.-J. *Œuvres complètes, tome I: Les Confessions – Autres textes autobiographiques*. (Org.) GAGNEBIN, B.; RAYMOND. Paris: Gallimard, 1959 (Collection Bibliothèque de La Pléiade).